

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: RELATO DE REGÊNCIA NUMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA DE ENSINO FUNDAMENTAL DO ESTADO DE ALAGOAS

Jairo Antonio Correia de Melo¹
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
jairoacmelo@gmail.com

Raphael de Omena Marinho²
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
raphael_marinho@hotmail.com.br

Fernanda Andrea Fernandes Silva³
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
fernandaandrea@ig.com.br

Resumo: Este trabalho apresenta um relato de experiência de regência em matemática, numa turma de 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública de ensino do Estado de Alagoas. A regência foi desenvolvida durante as atividades da disciplina de estágio supervisionado do curso de licenciatura em matemática da Universidade Federal de Alagoas, no primeiro semestre do ano de 2015. Tinha como objetivo conhecer a realidade escolar, proporcionando uma reflexão sobre o cotidiano das escolas do ensino básico, futuro campo de trabalho dos licenciandos.

Palavras-chave: estágio; regência; sólidos geométricos

1. Introdução

Os objetivos das escolas de ensinar e educar são efetivados através das atividades pedagógicas, curriculares e docentes, viabilizadas pelas formas de organização e de gestão escolar. Existem diferentes entendimentos sobre a forma de organizá-las e administrá-las, tornando-se imprescindível que todos os envolvidos conheçam a realidade escolar. Tal entendimento também está registrado nos planos dos cursos de formação de professores. Nesse enfoque, o estágio supervisionado, tem a característica de poder auxiliar o futuro professor, em sua formação inicial, “a compreender e enfrentar o mundo do trabalho e contribuir para a formação de sua consciência política e social, unindo a teoria à prática” (KULCSAR, 1991 p. 65).

A relação entre teoria e prática como objetivo do estágio curricular supervisionado nos cursos de licenciatura é expressa no Art. 61, parágrafo único, inciso II da Lei de Diretrizes e Bases

¹ Aluno do Curso de Graduação em Matemática Licenciatura Plena da UFAL.

² Aluno do Curso de Graduação em Matemática Licenciatura Plena da UFAL.

³ Mestre em Ensino das Ciências e Matemática. Professora do Instituto de Matemática da UFAL.

da Educação Nacional (BRASIL, 1996), que toma uma concepção de prática pautada nas reflexões sobre a atividade profissional desenvolvidas ao longo do curso de formação, tal como expressa o Parecer do Conselho Nacional de Educação que propõe as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, nos cursos de licenciatura, de graduação plena (BRASIL, 2001). Esse é o momento de efetivar, sob a supervisão de um profissional docente atuante, um processo de ensino-aprendizagem que, tornar-se-á autônomo quando da profissionalização do estagiário.

O curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, cumpre com as especificações da Resolução do Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 2002) que institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, prevendo que os graduandos devam cumprir um total de 400 (quatrocentas) horas de estágio curricular supervisionado a partir do início da segunda metade do curso, divididas em 4 estágios de 100 horas cada.

Nesse contexto, essa pesquisa foi desenvolvida na disciplina de estágio supervisionado III, do curso de licenciatura em matemática da UFAL, no primeiro semestre de 2015. As atividades da disciplina foram divididas em duas etapas principais: estágio de observação, objetivando registrar as observações das diversas atividades desenvolvidas na escola campo do estágio, Escola Estadual Rotary (no período de 06 de abril a 07 de maio do ano de 2015), em particular sobre o ambiente escolar e a atividade docente; e a regência, na mesma escola (no período de 25 de maio a 06 de julho deste ano), em uma turma do sexto ano, onde ocorreu parte da observação, sob a supervisão da professora titular responsável pela disciplina de matemática, com a finalidade de trabalhar um conteúdo conceitual, previamente acordado com a professora supervisora e planejado com o apoio da mesma e da professora responsável pelo estágio. Ao final da regência, como atividade de conclusão dos trabalhos, foi proposta uma oficina temática, durante a qual foram construídos alguns sólidos geométricos, a partir de planificações distribuídas com os alunos. Nossa pesquisa relata as atividades desenvolvidas na etapa da regência.

2. A Regência

As atividades de regência foram desenvolvidas na turma do 6º ano B, e ocorriam às segundas-feiras e quintas-feiras, das 07:00 as 09:00 em ambos os dias, totalizando dez horas de aulas, divididas em cinco etapas, cada qual com uma hora-aula. Durante as aulas de regência foram trabalhados conteúdos focados no campo da geometria: noções primitivas:

ponto, reta e plano; e sólidos geométricos: corpos redondos e poliedros. Esses conteúdos obedeceram à sequência de ensino, planejada previamente pelos estagiários e aprovada pela professora de matemática responsável pela turma dos sextos anos. Tais conteúdos estão contemplados nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN– no bloco Espaço e Forma (BRASIL, 1997), e foram trabalhados em conformidade com esses documentos referenciais, com o objetivo de ao final da sequência de aulas os alunos distinguirem figuras bidimensionais e tridimensionais; classificarem figuras tridimensionais: corpos redondos e poliedros, prismas e pirâmides; e identificarem planificações de diferentes poliedros.

3. Atividades Desenvolvidas na Regência

PRIMEIRA ETAPA (25 de Maio de 2015)

Antes de iniciar a aula, entramos na sala, às 06:50, para organizar o ambiente – visto que seria apresentado um vídeo aos alunos – e com a ajuda dos próprios alunos arrumamos as filas e montamos os equipamentos necessários para tal atividade. Como foi o nosso primeiro dia de regência, e pela postura dos alunos observada durante o estágio de observação, entendemos que era importante, antes de iniciarmos o conteúdo didático programado, falar um pouco sobre educação e respeito, dentro e fora de sala, maneiras de se comportar, e sobre o papel social que cada um tem, dando ênfase na necessidade e importância dos estudos. Isto foi acompanhado com atenção pela maioria absoluta dos presentes.

Dando seguimento, apresentamos um vídeo intitulado “Geometria no cotidiano”, conforme Lima (2008), mostrando a importância do conhecimento matemático no nosso dia a dia, explicando por que estudamos matemática e para que serve a matemática para a nossa vida, e, a partir de exemplos, levando a ideia de que a matemática está presente em todo lugar. Nesse vídeo os alunos puderam ver a matemática nas artes, na natureza, em esportes e jogos, nas tecnologias, e nas comercializações. Após a apresentação do vídeo, prosseguimos com um pouco da História da Geometria.

A partir das demarcações de terras para agricultura, nas margens do Rio Nilo, mostramos o valor da Geometria para aquela cultura, ocasião em que foi introduzido o significado da palavra: Geo = terra e metria = medida. Para isso foi utilizado o livro didático, fazendo a leitura do texto “Um pouco de história” (BIANCHINI, 2011 p. 76) seguida de explicações verbais. Entendido um pouco da história da geometria e do que esse ramo da

matemática estuda, passamos à introdução das noções primitivas. Neste primeiro momento falamos apenas de ponto e reta, chegando a essas noções de forma bem intuitiva. Ressaltamos que essas noções dadas intuitivamente foram representadas a partir de objetos encontrados na própria sala de aula e de objetos pertencentes aos próprios alunos.

SEGUNDA ETAPA (28 de Maio de 2015)

Relembrando a etapa anterior, continuamos com as noções primitivas. Usamos as paredes da sala, as tampas das mesas e os cadernos dos alunos para representar intuitivamente a terceira noção primitiva: o plano. Entendido as ideias de ponto, reta e plano, mostramos também intuitivamente que em uma reta temos infinitos pontos e em um plano existem infinitas retas. Para mostrar pontos e retas que estão em planos diferentes usamos o exercício 14, da página 89, retirado do livro didático (BIANCHINI, 2011), que trazia a figura de poliedros, conforme figura 1. Os alunos sentiram um pouco de dificuldade de entender a figura apresentada, descrita na figura 1. Desenhamos no quadro e fomos apagando alguns planos para que enxergassem quais pontos estavam em planos diferentes, tendo o apoio do próprio sólido geométrico para que os alunos pudessem visualizar em duas e três dimensões, o que facilitou a compreensão dos discentes.

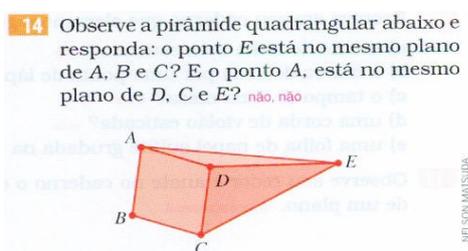


Figura 1. Exercício proposto
Fonte: Bianchini (2011 p. 89)

Logo após o trabalho com as noções primitivas passamos a discutir as noções de Colinearidade e Coplanaridade, seguida da resolução de problemas, procurando sempre irimir as dúvidas dos alunos. Sentimos uma boa participação da turma, sendo uma aula bastante proveitosa.

TERCEIRA ETAPA (01 de Junho de 2015)

Começamos relembrando as aulas anteriores, desde a História da Geometria até a última aula, de Colinearidade e Coplanariedade. Foi feita também a discussão das atividades trabalhadas na aula anterior. Passamos para os estudos de figuras planas e não planas utilizando alguns objetos que os próprios alunos trouxeram de casa, e com eles separamos

aqueles objetos com altura, classificando em figura não plana, dos sem altura, classificando como figura plana. Ressaltamos que neste momento os alunos têm a ideia de plano. Para fazer a classificação dessas figuras geométricas foi feita a distinção de figuras com duas dimensões e as que têm três dimensões – tal como orienta os Parâmetros Curriculares Nacionais– para que os alunos percebessem que as não planas têm uma dimensão a mais: a altura.

A essas figuras não planas começamos a chamar de Sólidos Geométricos, e entre as figuras fizemos os alunos apontarem algumas características que os permitiram classificar em dois novos grupos, o dos corpos redondos e o dos poliedros. No quadro foi copiada as diferenças apontadas por eles dos dois tipos de sólidos geométricos, e alguns exemplos. Para os exemplos utilizamos os objetos em sala e alguns outros que os alunos indicaram. Separamos a turma em grupos de 4 alunos para que pudessem manusear os sólidos geométricos do Laboratório de Ensino de Matemática do Instituto de Matemática - LEMA, da Universidade Federal de Alagoas, conforme figuras 2, e com os conhecimentos prévios dos alunos nomeamos os corpos redondos que haviam (cone, esfera e cilindro).



Figura 2. Sólidos de madeira do LEMA – UFAL
Fonte: os autores

Ao entregar os Sólidos do LEMA percebemos maior participação por parte dos alunos, a partir deste ponto até mesmo os mais inquietos se empenharam para responder as perguntas sobre o assunto. Não finalizamos o conteúdo planejado para essa aula, devido ao tempo gasto para organizar a sala em grupos, a empolgação dos alunos ao manusearem os sólidos e ao tempo que a professora supervisora nos pediu para dar alguns avisos sobre a OBMEP, que aconteceria no dia seguinte. Assim, deixamos os exercícios planejados como revisão para aula seguinte.

QUARTA ETAPA (08 de Junho de 2015)

Para que pudessem manusear novamente os sólidos, dividimos a turma em 7 grupos, como parte da revisão os alunos distinguiram mais uma vez os poliedros dos corpos redondos. Começamos então o estudo sobre os elementos dos poliedros. Registramos no quadro os elementos dos poliedros que os alunos conseguiram apontar ao manuseá-los e chegamos aos

nomes padrão de: face, aresta e vértice. Associamos cada elemento às noções primitivas já estudadas. Utilizamos os sólidos de madeira, que estavam com os alunos, e os de acrílico que estavam com os professores estagiários para esta associação.

Começamos a distinguir os poliedros pelo número de faces, nomeando pelos prefixos. Para essa nomeação foi dado os exemplos do número de vezes que um time foi campeão, houve total empolgação por parte dos estudantes em palpar o nome correto para cada sólido. Após nomeá-los contamos quantas arestas e quantos vértices haviam, registrando no quadro.

QUINTA ETAPA (11 de Junho de 2015)

Iniciamos com a revisão, registrada no quadro. Logo após separamos novamente os grupos e entregamos o material do LEMA, composto apenas por pirâmides e prismas. Foram registradas no quadro as principais características desses poliedros, apontadas pelos alunos. A partir de algumas dessas características pedimos para que os alunos separassem os poliedros em dois grupos, prismas e pirâmides.

Os alunos perceberam que nos prismas sempre as faces laterais são compostas por retângulos enquanto das pirâmides são triângulos, mas que em ambos as bases determinam a quantidade de faces laterais. Para finalizar os alunos resolveram algumas atividades em que a correção foi realizada por eles no quadro.

OFICINA CONSTRUÇÃO DE SÓLIDOS GEOMÉTRICOS (15 de Junho de 2015)

A oficina para o ensino da Matemática tem sido bastante utilizada, por ser uma metodologia que permite melhor compreensão dos conteúdos matemáticos, em especial aqueles que apresentam maior dificuldade de aprendizagem, pois seu dinamismo proporciona a atenção efetiva dos estudantes. Uma das principais habilidades da área de Geometria que o aluno deve alcançar é a visualização da figura geométrica mesmo em sua ausência, podendo distinguir suas características. Dessa forma, as oficinas são importantes instrumentos para o desenvolvimento dessa habilidade, pois facilita a observação, a exploração, a descoberta e a construção do conhecimento (FERREIRA; LAUDARES, 2010).

Aliado a essa ideia, procuramos estimular essa habilidade por meio de uma oficina temática através da construção de alguns sólidos geométricos, previamente estudados em sala. Separamos a turma em grupos, com no máximo três alunos cada e distribuimos diferentes

figuras geométricas planificadas para a montagem, sendo elas: cilindro, cone, cubo, pirâmides de bases triangulares, quadrangulares, pentagonais e hexagonais, e prismas de bases triangulares, quadrangulares, pentagonais e hexagonais. Cada um dos grupos recortou e colou as planificações dadas, montando poliedros ou corpos redondos, conforme figura 3. Para isso distribuimos uma tesoura por grupo e uma cola, materiais cedidos pelo Laboratório de Ensino de Matemática do Instituto de Matemática, na UFAL.



Para esta atividade, reservamos o horário correspondente à primeira aula (07:00 às 08:00). No segundo horário da nossa aula, damos seguimento, passamos para a fase do registro escrito, as quais os alunos preencheram um quadro que requeria que o sólido geométrico construído fosse nomeado, classificado (poliedro ou corpo redondo), dado o número de faces, vértices e bases e identificada a sua base. Logo após, recolhemos o quadro contendo as respostas dos alunos, e em seguida cada grupo apresentou aos demais colegas, o sólido geométrico, resultado de seu trabalho, passando a descrever as principais características do seu sólido.

De forma lúdica, tivemos, com esta oficina, a oportunidade de constatar mudanças referentes à atenção dos alunos para com os conteúdos matemáticos estudados, corroborando com a Teoria de Van Hiele segundo Ferreira e Laudares (2010, p.9), na qual afirma que “o uso de recursos didáticos diversificados e a interação social foram facilitadores na aprendizagem do reconhecimento e propriedades dos sólidos geométricos”.

3. Considerações Finais

Testemunhamos que a utilização de metodologias diferentes do tradicionalismo é capaz de proporcionar aulas mais participativas, as quais podem conduzir o alunado no sentido de melhor compreender os conteúdos ministrados, porém requer do professor construir um plano de trabalho desafiador, diverso de mera aplicação de procedimentos.

O Estágio Supervisionado III foi uma ótima oportunidade para que nós, professores em formação, pudéssemos desenvolver habilidades até então conhecidas apenas no campo teórico, contribuindo em demasia para o nosso crescimento profissional, por nos permitir conhecer a realidade do nosso futuro ramo de atuação.

4. Referências

BIANCHINI, E. Matemática. 6o. ano, 7ª edição, São Paulo, Moderna, 2011.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez 1996. Disponível em : < <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-norma-pl.html>>.

_____, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais (5ª a 8ª series):** Matemática. Brasília, MEC/SEF, 1998(a).

_____, **Parecer CNE CNE/CP 9/2001 de 17 de janeiro de 2002.** Propõe as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 18 jan 2002a. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf>>

_____, **Resolução CNE/CP 2, de 19 de fevereiro de 2002.** Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 04 mar 2002b. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf>>.

FERREIRA, L. H.C. LAUDARES, J. B. **Desenvolvimento do pensamento geométrico na visualização de figuras espaciais, por meio da metodologia de oficinas.** Disponível em:
<http://www.lematec.net/CDS/ENEM10/artigos/CC/T12_CC295.pdf> Acesso em 03 de novembro de 2015.

KULCSAR, R. **O estágio supervisionado como atividade integradora.** In: FAZENDA et al. A prática de ensino e o estágio supervisionado. Campinas, São Paulo, Papyrus, 1991.

LIMA, H. Vídeo **Geometria no Cotidiano.** Vitória da Conquista, 2008 . Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=XuJpwCFL1xA>> Acesso em 15 de outubro de 2015.